

## Lutas e conquistas

Andy Amazonas, 34 anos, e Scarlety Pereira, 30 anos, foram as primeiras mulheres trans contratadas pelo Senado. Hoje, atuam no serviço de copa, em vagas temporárias, e batalharam muito para chegar ao espaço que hoje ocupam, abrindo caminhos para a inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho.

Natural de Itacoatiara, Amazonas, Andy se assumiu para a família na adolescência, descrevendo que, naquele momento, percebeu “como era difícil ser diferente.” Ela conta que foi a São Paulo em busca de emprego e enfrentou dificuldades para conseguir um trabalho formal, até que veio para Brasília e conseguiu “uma coisa que jamais pensei que conseguiria: o tão sonhado emprego”.

Após distribuir vários currículos, Andy foi chamada para uma entrevista de emprego no Senado Federal. Ela relata que sua experiência está sendo “enriquecedora, porque estou conseguindo aprender um ofício, ver como funciona o ritmo de trabalho formal e aprender sobre meus direitos no trabalho.”

Scarlety se assumiu como mulher trans aos 17 anos e, assim como Andy, enfrentou barreiras para se inserir no mercado. Sempre se enxergando em um lugar feminino, ela compartilha que não foi aceita nesse ambiente, trabalhando sem carteira assinada. “Trabalhei durante anos em salões de beleza, por ser o único lugar de oportunidade que eu tinha, mas sempre tive um pensamento positivo, sabia que, se eu me esforçasse e me destacasse, eu seria vista com um olhar de empatia”, expõe.

Então, Scarlety se tornou ativista da causa trans, virando apresentadora de eventos em 2014 e ganhando visibilidade no meio LGBTQIA+. “Pensei que isso poderia ir além, queria ser exemplo para outras trans, para que as pessoas não pensassem que nossa única opção fosse as ruas, que nossos corpos não fossem usados como comercialização”, destaca. Hoje, como tanto desejava, descreve que é vista “com um olhar de empatia” em seu novo emprego.

## Iniciativa

Stella Vaz, coordenadora do Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado, explica que a contratação de Andy e Scarlety

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



**Ilana Trombka, diretora-geral do Senado: pluralidade importa**



**Lauro Brayer, responsável pela contratação de Andy e Scarlety**

faz parte de uma política inclusiva que vem sendo desenvolvida pela instituição, com ações voltadas para populações vulneráveis, como mulheres em situação de violência doméstica e pessoas negras.

“No âmbito do comitê, trabalhamos a inclusão e a valorização da diversidade na cultura organizacional. Mais recentemente, criamos o grupo de trabalho LGBTQIA+, como um espaço de acolhimento, fortalecimento e de levar esse letramento sobre a diversidade. Hoje, colocamos isso em prática nos contratos de terceirização, por isso, surgiu essa ideia de trazer as copeiras”, afirma.

Em 2023, o Senado também contratou um homem trans como temporário, que foi efetivado. Este ano, foi a vez de mulheres trans, como conta Lauro Brayer, responsável pela contratação de Andy e Scarlety, registradas no banco de talentos do Senado. Ele descreve o processo

como uma experiência “maravilhosa, porque eram pessoas que precisavam de ajuda, de uma oportunidade de trabalho, e elas são muito comunicativas e dispostas a ajudar”. Na visão de Lauro, a transformação social é possível e envolve vários agentes: “Todo mundo tem a vontade de fazer alguma coisa para ajudar, só falta começar, isso é uma construção coletiva.”

A diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, defende a participação de funcionários trans no quadro colaborativo das empresas, contribuindo para a pluralidade no mercado de trabalho. “Oferecemos a essas pessoas postos de trabalho formais, em um ambiente saudável, protegendo seus direitos e dando oportunidade de especialização e convivência, de forma a não serem discriminadas. A qualidade do trabalho se sobrepõe ao gênero, a raça e à sexualidade”, declara.

Fotos: Arquivo pessoal



**Stella Vaz atua em defesa da equidade de gênero e raça no órgão**



**Bruna Benevides: empresas devem cumprir seu papel social**

## Pioneiras

Para Andy Amazonas, mesmo em uma vaga temporária, ocupar essa posição mostra a competência profissional de pessoas trans, defendendo políticas voltadas a pessoas vulneráveis. “Ocupar esse espaço contribui para mostrar que nós, pessoas trans, temos competência para exercer um trabalho tanto quanto outras pessoas. É preciso garantir acessibilidade no mercado de trabalho a todas as pessoas vulnerabilizadas”, diz.

Para Scarlety Pereira, ocupar um posto de trabalho formal é um passo em direção à inclusão desses grupos. “Todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, têm talento e capacidade de contribuir de maneira significativa. Isso não apenas beneficia individualmente as mulheres trans, mas também fortalece as organizações e a sociedade como um todo”, comenta.

## Inclusão

Para Bruna Benevides, a inclusão de pessoas trans nas empresas não se restringe à composição do quadro colaborativo com elas, mas envolve a criação de vagas específicas para a contratação dessa comunidade e políticas de assistência no trabalho, como cuidados com a saúde física e mental.

“A responsabilidade social das empresas não pode se limitar a ter uma pessoa trans contratada no seu quadro, mas elas devem olhar para necessidades específicas dessa comunidade, como questões de saúde física e mental. É urgente que se façam editais específicos com destinação de vagas para a contratação de pessoas trans em todos os níveis”, conclui.

**\*Estagiários sob a supervisão de Ana Sá**